



RETOMADA AO AUGE

Em cartaz no maior papel de sua carreira, após quinze anos sem filmar no Brasil, a atriz Sônia Braga fala de política, sexo, fama e esquecimento POR MARILIA KODIC

“ESSE É O MAIOR FILME que eu já fiz na minha vida”, declara Sônia Braga, aos 66 anos e com mais de 50 de carreira, sobre o longa *Aquarius*, que estreia no dia 1º deste mês. A atriz, que se consolidou em filmes e novelas como *Gabriela*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, *Dancin’ Days* e *O Beijo da Mulher Aranha*, e se tornou símbolo sexual de uma geração, estava sem filmar no Brasil havia quinze anos – há trinta, ela mora nos Estados Unidos.

Por lá, também conquistou seu espaço. Recebeu três indicações ao Globo de Ouro e uma ao Emmy Awards por papéis em produções de Hollywood, participou de séries como *Sex and the City*, *Law and Order* e *CSI: Miami*, e foi a primeira brasileira a apresentar uma categoria no Oscar. Neste mês, também faz uma participação *Luke Cage*, série produzida pela Marvel para a Netflix.

O Brasil, contudo, parece manter-se no cerne de sua fala, como mostra na entrevista a seguir, concedida por telefone, permeando assuntos que vão de política a sexo e de fama a esquecimento. Este último, aliás, tema sensível para ela, que lamenta não receber convites para trabalho em seu país natal. Que fique registrado, então: Sônia Braga quer atuar na televisão aberta, vestir Alexandre Herchcovitch e fazer comercial de uma certa “sandalinha de borracha”.

Sua personagem em *Aquarius* vive uma situação de luta contra o poder para defender seus direitos. Como você se identifica com essa temática? Apesar de você ter seus direitos, você tem que, em primeiro lugar, provar que os tem, e, em segundo, achar provas contra o outro. O cidadão tem que se movimentar para que os direitos adquiridos por lei sejam executados. A gente vive num país em que o Poder Judiciário deveria ser o controlador. Se ele fosse forte e não fosse corrupto, você teria a segurança de seus direitos. Seria tão simples. Que o Poder Judiciário do Brasil verifique e garanta nossos direitos é uma esperança que eu tenho.

O elenco do filme fez um protesto no Festival de Cannes contra o governo atual. Como foi a repercussão? Desde que Temer assumiu, quis tirar ministros, e o primeiro foi o da Cultura. Foi excelente que estivéssemos em Cannes porque, imediatamente, estávamos comunicando isso para a imprensa internacional. Mas recebemos muitos ataques virtuais. Deletei e bloqueei todos, e fui na página de um por um para ver de quem. O que mais me incomodou foi falarem que só meu vestido daria para pagar não sei o quê. O Narciso [Rodríguez] me deu de presente, as pessoas deveriam ficar agradecidas de ele fazer isso para uma brasileira. O outro foi usado na novela *Páginas da vida* – as pessoas não têm memória – e, só por ser vermelho, virei rainha do PT.

Como acha que a desordem no cenário político afeta nosso mercado cultural? A cultura no Brasil sempre foi muito afetada. Somos 200 milhões de habitantes e temos uma rede de televisão que tem 70% de audiência. Talvez isso explique um pouco. E há dificuldade de construir, de fazer filmes. O brasileiro não entende o artista como trabalhador. Nós somos profissionais e temos direitos como em qualquer profissão. Mas fomos considerados pessoas que exploram o governo e não percebem as prioridades do país. Não, é o contrário.

As artes sempre tiveram uma importância enorme no desenvolvimento do cérebro de um país. Tem uma parte que pensa, matemática, e outra lúdica, da descoberta. A cultura é parte fundamental do cérebro de um país. Sem ela, ficamos com uma parte do país quase morta. Eu gostaria de entender o pensamento de um governo que não acredita que a cultura é importante. O que está na cabeça desses interinos, todos eles? O que eles veem como desenvolvimento cultural, e o que eles acreditam que, hoje, seja cultura no Brasil?

Que laços profissionais você mantém com o Brasil? Muitas pessoas argumentam que as abandonei. Mas, veja bem. Quando vim para cá, nos anos



Sônia Braga em cenas dos filme *Aquarius* (2016), acima, e *Eu te amo* (1981), à esquerda, e da telenovela *Gabriela* (1975), abaixo



“A CULTURA É PARTE FUNDAMENTAL DO CÉREBRO DE UM PAÍS. SEM ELA, FICAMOS COM UMA PARTE DO PAÍS QUASE MORTA.”

80, os contatos eram por telegrama, fax, telefone e cartas. Mas as pessoas já não escreviam cartas, o telefone era caro, então fiquei com poucos amigos no Brasil, e o Brasil achou que eu tinha mudado. Mas fiquei aqui, esperando os convites das pessoas com quem eu convivia. E nada de convite, telefonema, carta, nem recado pelo boy, nada! Tem toda uma história que nunca é contada.

Tenho a sorte de ter tido Antônio Carlos Jobim como amigo, e, certa vez, ele me disse: “sucesso fora do Brasil, no Brasil, é ofensa pessoal”. Que não me convidem para fazer cinema brasileiro, eu entendo, televisão no Brasil, entendo, teatro, entendo. Agora, que nunca tenham me convidado para fazer

a propaganda daquela sandalhinha de borracha, ah, isso é uma ofensa pessoal, sim. Porque, que eu saiba, eu era a única que a usava antes de ela ficar famosa. Nos anos 60, 70, eu ia à TV Globo e falavam: Sônia, porque você usa sapato de pedreiro? [risos].

Você gostaria de fazer televisão no Brasil? A minha tristeza em tudo isso é de não fazer televisão aberta. Uma vez, fui à Amazônia e conheci um caboclo chamado Praia Grande. Ele disse que sua mãe queria me conhecer, e entramos em um barquinho, naquela água preta da Amazônia, passamos por uma areia branquinha, uma estradinha de terra, lavamos os pés e entramos na

casa. Ela veio, me abraçou e me mostrou, no quarto, uma televisãozinha, e disse: 'olha aqui de onde eu te conheço'. Só fazendo TV aberta no Brasil é que consigo essa comunicação e fazer a coisa para a qual nasci: trabalhar com as pessoas que não têm dinheiro para ir ao teatro ou ao cinema, porque, se forem, vão desestruturar o orçamento do mês. Estando na televisão, você está sentado ali, com pessoas do Brasil todo. Não fazer novela me atinge nesse nível. Por isso chamo estar nos Estados Unidos há tantos anos de exílio cultural.

Você é bastante lembrada, também, pelas músicas que Caetano compôs para você, *Tigresa e Trem das Cores*... Há muita discussão por causa de *Tigresa*, mas o Caetano mesmo já explicou que a fez para algumas pessoas, entre elas eu. Quando ele canta, às vezes, fala diretamente comigo. Já percebi isso em determinadas frases, sabe? Aí fico pensando, será que foi essa que ele escreveu para mim? Nunca perguntei... Agora, *Trem das Cores* sou eu inteira. A gente estava se vendo, ficando. Essa é uma música cujo nome eu não posso nem falar, pois me emociona por muitos motivos.

Suas personagens *jorgeamadianas* – Gabriela, Dona Flor, Tieta – estão entre as mais marcantes. Que valor emocional têm para você? Gabriela foi a personagem que me fez ser uma mulher bonita. Até então, eu só fazia personagens de meninas feias, complicadas, angustiadas, sem sensualidade. Foi Gabriela que me tornou essa pessoa para os olhos de todos. E o Jorge e a Zélia realmente me adotaram. Passei a amar o Jorge e entender muito bem o universo dele, que era muito meu, também.

Seu corpo está relativamente exposto neste filme, e você é considerada até hoje um dos maiores símbolos sexuais do Brasil. O que acha disso? Vou

contar essa novidade e as pessoas vão ficar meio assustadas: a sensualidade me pertence. Pertence a todos. Todos carregam o sexo para lá e para cá, no seu corpinho. Estou mais madura agora para entender que o sexo é visto como algo descartável, como um adereço do corpo, que não nos pertence. Acho que isso vem de raízes muito profundas.

Como enxerga a recente eclosão do tema do empoderamento feminino? Me pergunto: em que tempo estamos? 2016? É isso? Século 21, e a gente ainda está falando disso? Homossexualidade? Direitos iguais? Quem tem pinto vale mais? Ainda? Gente! Temos coisas muito urgentes para tratar nesse mundo, como resolver a fome, gente que não tem onde morar, que tem que andar 5 km para pegar um balde de água, então vamos resolver logo os assuntos mais fáceis?

"GABRIELA FOI A PERSONAGEM QUE ME FEZ SER UMA MULHER BONITA."

Por último, qual a sua relação com a moda? Amo. Minha mãe era costureira – ela confeccionou minhas roupas do filme *O beijo da mulher aranha* e ficou na França dois anos com o Dzi Croquette.

Tínhamos uma parceria. Eu chegava em casa e dizia: "mãe, tenho uma festa, a gente precisa fazer um vestido agora!". Enquanto ela fazia, eu desenhava os apliques, pegava uma faixa de tule, colocava cola, jogava purpurina, recortava e aplicava. Ficava parecendo um vestido da Greta Garbo!

Hoje, acho que o mais lindo é sempre o simples, que parece que não deu trabalho. Um estilista que admiro é o Narciso Rodriguez. Tive a sorte de conhecê-lo, ele é um amigo, e já fez uns cinco vestidos para mim. E, no Brasil, o Alexandre Herchcovitch. Sempre achei interessante tudo o que ele faz. Ele não só é o artista que é, mas uma pessoa incrível, uma doçura. E ele ia fazer um vestido para mim, mas nos desencontramos, infelizmente. Mas quero muito que, um dia, ele faça.



BONS VENTOS

Kleber Mendonça Filho, diretor de Aquarius, fala do momento próspero do cinema nacional

Como foi trabalhar com Sônia Braga? Nossa relação foi incrível. Ela já fazia parte da minha vida por ser um personagem tão forte na cultura brasileira. Hoje, posso afirmar, com muita alegria, que Sônia é uma amiga.

Você sente que a dualidade entre os personagens e a luta contra o poder, em Aquarius, encontram eco no Brasil dividido de hoje? Quando você trabalha com expressão artística, se tem sensibilidade para falar de coisas que te chamam a atenção, aborrecem ou fazem parte do dia a dia, não é surpresa que acabem refletindo uma espécie de retrato artístico da realidade. Não é acidente que tantas questões do filme sejam observadas nas cidades brasileiras, inclusive do ponto de vista político. É natural. Trabalho com a realidade.

Sente-se parte de uma geração transformadora? O momento atual talvez seja o mais forte, diverso e instigante do cinema brasileiro. Claro que existe uma produção comercial muito forte, principalmente no Rio e em São Paulo. Mas há uma mudança de tom, ritmo e tema, ou pelo menos uma expansão na abrangência temática. O cinema brasileiro hoje é muito instigante porque está indo a lugares a que não ia antes. Acho isso positivo.